



O BRINCAR COMO DIREITO DAS CRIANÇAS E COMO EIXO DO CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Lenilda Cordeiro de Macêdo¹

Mariana Pereira de Souza^{2,2}

Resumo:

Este Artigo tem como objetivo analisar o brincar como um papel primordial no currículo da educação infantil, pois além de ser um direito das crianças é uma cultura infantil e a atividade principal para o desenvolvimento das crianças de 0 a 5 anos, segundo os teóricos da teoria sociocultural. Nesta pesquisa, de cunho qualitativo realizamos um estudo de caso em uma instituição pública de educação infantil, com o objetivo de investigar se o brincar tem se constituído em um direito das crianças e em um dos eixos das propostas pedagógicas nas instituições de educação infantil públicas. Em linhas gerais, a análise dos dados evidenciou que o brincar ainda não se constitui como um direito no cotidiano da creche, este ainda não é visto como uma necessidade e direito das crianças. Ademais, os profissionais não compreendem seu real sentido, como um direito humano e eixo do currículo na educação infantil. Está presente o discurso de sua importância, mas sua inserção na prática curricular e pedagógica é quase nula. Porém, a despeito do pouco valor dado ao brincar no currículo das turmas observadas, foi possível constatar que o brincar, mesmo de forma fortuita, pontual, faz parte do cotidiano das crianças, as quais subvertem a ordem instituída, as normas, o controle e, como atores sociais que agem a contrapelo da história significam e ressignificam o mundo, através do brincar.

Palavras-Chave: Educação Infantil, Currículo, Direitos, Brincar.

Introdução

A Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança de 1989 é um documento internacional, que impactou a legislação dos países no mundo ocidental, a partir da segunda metade do século XX. No Brasil, em 1988, a Constituição Federal referendou a criança como sujeito de direitos e, posteriormente, foi aprovada a Lei 8069/90, que trata do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei n.8.069, de 13 de julho de 1990), todas as crianças têm o direito ao brincar, isso está exposto em seu artigo 16, inciso IV, “ o direito à liberdade compreende os seguintes aspectos: [...] IV - brincar, praticar esportes e divertir-se; [...]”. BRASIL (1990). Portanto, tomando como base esse documento de grande importância, para as crianças e adolescentes, resolvemos pesquisar sobre o ato de brincar e se este direito vem sendo assegurado nas propostas curriculares da educação infantil, conforme recomendam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEIs) (BRASIL, 2010). Nas últimas décadas a criança vem tornando-se protagonista da sua própria história, portanto, faz-se necessário pesquisas sobre as culturas infantis, dentre elas o brincar, visando ampliar o conhecimento sobre a importância dessa ati

¹ Professora do Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba – lenilda18@servidor.uepb.edu.br

² Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba – marianavalterlins@gmail.com



vidade na infância, tendo vista que o brincar ainda não é visto, pela grande maioria dos professores na educação infantil como a atividade principal da criança, portanto uma necessidade para que ela se aproprie da cultura e se desenvolva.

Nossa pesquisa ocorreu em uma creche municipal do programa PROINFÂNCIA, na cidade de Campina Grande, na PB. As creches do PROINFÂNCIA têm um modelo arquitetônico, que possibilita mais liberdade para interações e brincadeiras entre as crianças, com pátio, brinquedos estruturados, parques de areia e disponibilidade de mobília adequada. Nosso objetivo foi investigar se o brincar tem se constituído em um direito das crianças e em um dos eixos das propostas pedagógicas nas instituições de educação infantil públicas.

Nosso trabalho está dividido em seis tópicos, sendo: introdução, metodologia, referencial teórico, análise e discussões, considerações finais e referências bibliográficas.

METODOLOGIA

A pesquisa ocorreu em uma creche da rede municipal de Campina Grande, recém-inaugurada, tendo sido construída pelo programa PROINFÂNCIA. Optamos pela utilização da pesquisa qualitativa, especificamente um estudo de caso realizado em duas turmas do maternal. Para a produção dos dados realizamos observações sistemáticas com registros de dados em diário de campo e entrevistas semiestruturadas com 4 professoras. As observações ocorreram durante 16 dias, em duas turmas do maternal, denominadas de A e B. Ambas possuíam cerca de 23 crianças, com idade entre 2 anos e meio e 4 anos. Todos os dados foram coletados durante o turno da tarde e utilizamos o diário de campo para registrar as observações. a análise dos dados foi feita com base no método de análise de conteúdo. Estamos discutindo neste artigo os dados relativos a categoria brincar.

O BRINCAR NA CRECHE

O brincar é uma cultura infantil. Sempre esteve presente na vida e no cotidiano de diversos povos, sendo que nos últimos anos vem sendo objeto de pesquisa de várias áreas científicas, a exemplo da psicologia, Sociologia da Infância, Antropologia, dentre outras. Para o censo comum a brincadeira não tem importância, serve apenas como distração, é algo vazio, mas em momento algum ela torna-se vazia ou sem significado, pois se constitui em uma linguagem humana, que expressa valores, sentimentos e comportamentos e, segundo a Sociologia da infância é uma cultura infantil, fundamental para a aprendizagem e desenvolvimento das crianças. A princípio o que hoje é considerado um jogo, no passado poderia remeter-se a diferentes significados, como afirma Kishimoto:



Enquanto fato social, o jogo assume a imagem, o sentido que cada sociedade lhe atribui. É este o aspecto que nos mostra porque, dependendo do lugar e da época, os jogos assumem significações distintas. Se o arco e a flecha hoje aparecem como brinquedos, em certas culturas indígenas representavam instrumentos para a arte da caça e da pesca. Em tempos passados, o jogo era visto como inútil, como coisa não séria. Já nos tempos do Romantismo, o jogo aparece como algo sério e destinado a educar a criança. (KISHIMOTO, 2005, p.17).

No sentido mais amplo, os jogos e as brincadeiras ocupam diferentes lugares e significados ao longo da história, chegando aos dias atuais como um aliado na educação e desenvolvimento infantil, sendo encontrados nos currículos e planejamentos na educação infantil. A partir da brincadeira a criança cria e recria novos significados e também demonstra coisas do seu cotidiano, ou seja, brinca de cozinhar, pois observa seus familiares realizarem essa tarefa em casa, ou brinca de dirigir um carro, pois está familiarizada com essa ação. O brincar envolve constantemente a cultura, na qual as crianças estão inseridas, elas recriam em suas brincadeiras, ações do seu dia a dia. “No caso específico da infância, os sujeitos que fazem parte desta geração não são aculturados, as crianças se apropriam, de forma singular, das culturas adultas, universais e produzem suas próprias culturas, tendo por base seus mundos de vida.” (MACÊDO e DIAS, 2015, p.209).

Portanto as crianças nascem aculturadas, mas a partir das relações sociais com os indivíduos e com os artefatos culturais, em determinada sociedade, elas se apropriam da cultura e a ressignificam, criando suas próprias culturas.

A brincadeira é uma atividade essencialmente lúdica, social e cultural, que faz parte do mundo de vida da criança, aprende-se a brincar. Ademais, a ludicidade³ é um aspecto fundamental das culturas infantis, historicamente, a criança não brincava com objetos, mas com pessoas; com o advento do capitalismo, as pessoas deixaram de brincar por falta de tempo livre e a indústria de brinquedos se tornou um grande negócio fazendo com que os brinquedos industrializados assumissem o lugar das pessoas nas brincadeiras. Em razão destes fatos, os brinquedos industrializados substituíram as brincadeiras e jogos livres das crianças passando a condicionar as suas brincadeiras. No entanto, é importante destacar que a função lúdica não está dada nos brinquedos, estes só adquirem este caráter quando funcionam como suportes para as brincadeiras. Ademais, nem toda atividade lúdica é jogo⁴. Kishimoto (2003, p. 7) aponta as principais características do jogo: liberdade de ação do jogador, o prazer ou desprazer, as regras implícitas ou explícitas, o caráter improdutivo, a não literalidade, a imaginação e a contextualização.

A criança, como ressaltamos, aprende a brincar e aprende por meio do jogo que se estabelece entre o real e o imaginário, entre a fantasia e a realidade. A ludicidade, característica do jogo/brincadeira possibilita a criança lidar com as emoções, frustrações e a resistir ao controle dos adultos.

³ Diversão, prazer.

⁴ Kishimoto (2003, p. 7) faz a distinção entre jogo, brinquedo e brincadeira. Brinquedo, suporte da brincadeira; brincadeira, atividade estruturada, com regras e jogo infantil designa brinquedo e brincadeira.



tos. Outro traço fundamental da brincadeira, sobretudo do jogo de faz-de-conta, é que ela se desenvolve no tempo e no espaço simbólico. As crianças transpõem o espaço e o tempo reais. “as brincadeiras e jogos são mecanismos de conhecimento concreto do mundo por meio da mimese.” (SCHLESENER, 2011, p.124).

É nesta possibilidade de transpor o tempo e o espaço, simbolicamente, que as crianças operam a partir de dois movimentos contraditórios: se distanciam e se aproximam do real. De forma fantástica, as crianças transpõem o real e o imaginário e, neste processo, elas tornam-se poderosas, transgressoras, fortes, isto porque, no jogo, a criança se torna livre para dar sentido aos objetos, ao mesmo tempo em que ignoram o uso específico dos mesmos. À medida que a criança brinca, ela vai se libertando dos significados próprios, concretos dos objetos e das situações, construindo novos símbolos e significados para estes. Benjamin (2002) consegue resumir, de forma poética, o valor e o sentido do brincar para as crianças:

[...] a terra está repleta dos mais incomparáveis objetos da atenção e da ação das crianças. Objetos dos mais específicos. É que crianças são especialmente inclinadas a buscarem todo local de trabalho onde a atuação sobre as coisas se processa de maneira visível. Sentem-se irresistivelmente atraídas pelos detritos que se originam da construção, do trabalho no jardim ou em casa, da atividade do alfaiate ou do marceneiro. Nesses produtos residuais elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas. Neles, estão menos empenhadas em reproduzir as obras dos adultos do que em estabelecer entre os mais diferentes materiais, através daquilo que criam em suas brincadeiras, uma relação nova e incoerente, com isso as crianças formam o seu próprio mundo de coisas, um pequeno mundo inserido no grande. Dever-se-ia ter sempre em vista as normas desse pequeno mundo quando se deseja criar premeditadamente para crianças e não se prefere deixar que a própria atividade- como tudo aquilo que é nela requisito e instrumento encontre por si mesma o caminho até elas (BENJAMIN, 2002, p. 104).

O brincar permite à criança ser exatamente aquilo que deseja ser, mas não pode porque o mundo é dominado pelos adultos, pela razão, pela ordem. A visão infantil é fundada na fantasia. O jogo de faz-de-conta, por exemplo, é repleto de regras, mas estas são fruto de uma atividade criativa das crianças que, de forma peculiar, sem limites nítidos entre razão e imaginação, realidade e fantasia, conseguem intervir sobre o mundo, mesmo que os adultos não tenham consciência disto.

Nós adultos costumamos a adotar duas posturas contraditórias frente às brincadeiras das crianças: quando as deixamos livres para brincar é porque brincar é tão sem valor, que não vale a pena gastar energia com esta atividade, sendo assim, nem sempre as crianças têm um ambiente e um tempo adequados para brincarem. Por outro lado, quando entendemos que o brincar é importante, esta atividade se torna excessivamente pedagogizada e as crianças não têm espaço nem tempo para criar, construir cultura, pois toda a ação está sob a supervisão dos adultos educadores. São duas posturas que refletem a nossa concepção sobre as crianças e sobre a educação infantil. Ainda não construímos uma visão de criança como ator social, como alguém que tem capacidade de agir de forma competente na sociedade. “Mesmo que repitamos sempre que elas constroem conhecimento, que



são ativas, não consideramos outra forma de conhecimento que não seja aquela elaborada pelos adultos e, cujo papel das gerações mais novas é apenas de reproduzir a cultura adulta” (MACÊDO, 2014, p.77). Sendo assim, as instituições de educação infantil continuam tendo como papel fundamental a socialização e a inserção das crianças na cultura adulta, que é a dominante. No que se refere às crianças, por não terem suas culturas e seus pontos de vista valorizados e reconhecidos, resta-lhe o ofício de alunos e de grupo geracional dominado.

O uso do brinquedo e o ato de brincar desenvolvem nas crianças os seguintes aspectos: viabiliza o desenvolvimento global, ou seja, andar, pular, correr, também a motricidade fina, também colabora com a linguagem, o desenvolvimento cognitivo, psicomotor, e principalmente o emocional. O brincar permite que a criança se desenvolva verbalmente, ou seja, melhora sua comunicação, seja ela por meio de palavras ou gestos, gera consigo o autoconhecimento, desenvolve a criatividade, pois ao brincar a criança cria um imenso universo de possibilidades, incentivando, assim o seu potencial de criação. Possibilita maior expressividade e apreensão da cultura (VIGOTSKY, 2007) e favorece as interações, pois por meio do brincar as crianças conseguem interagir melhor umas com as outras. De acordo com as Diretrizes curriculares nacionais para a Educação infantil

A proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve ter como objetivo garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças. (BRASIL, 2010, p. 18)

A BNCC constitui-se em um documento teórico metodológico para orientar as propostas curriculares das instituições de educação infantil, vale ressaltar o lugar que o brincar ocupa nesse documento, tendo em vista que está relacionado com todo o processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança, portanto constitui-se um dos direitos de aprendizagem na educação infantil:

Brincar, cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais. (BRASIL, 2017, p. 38)

A criança tem o direito de brincar garantido por lei, mas ainda nos deparamos com muitas instituições que limitam essa ação tão necessária e importante para as mesmas. O ECA coloca o brincar como um direito das crianças e adolescentes e as DCNEIs (BRASIL, 2010), como um eixo do currículo da educação infantil, sendo assim, garantir tempo e espaço para brincadeiras livres e mediadas na creche e, na educação infantil em geral, não é uma opção, mas um dever. Ademais, a literatura acadêmica, sobretudo da área da Psicologia e da Sociologia da Infância reafirmam a im



portância do brincar como um dos fatores primordiais para o processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, como uma cultura infantil, como uma linguagem, por isso faz-se necessário a distribuição de materiais adequados e seguros.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante todo o período de observação, o brincar estava inteiramente ligado a vida das crianças, tudo girava em torno disso, era como se elas vivessem única e exclusivamente para brincar, alguns inclusive, preferiam brincar do que ir para o lanche, como no caso de Antônio e Neto:

“Quando o tempo do intervalo encerrou fui ajudar as professoras a chamar as crianças para comer:
‘- Davi, vem lavar as mãos para comer.’
‘- Não vou não, vou brincar.’ (Antônio)
‘- Tiago, vem lavar as mãos que o jantar já tá na mesa.’
‘- Não quero jantar não’ (Neto)
‘- Mas vocês vão ficar com fome.’
‘- Ligo não’ (Neto)
‘- Eu quero é brincar, tia’ (Antônio)” (Diário de campo, 24/10/2019- MA)

Esses dois meninos eram uns dos mais carentes da creche, mas preferiam ficar sem comer para poder brincar mais um pouco, por isso é perceptível que a brincadeira ocupa um lugar de destaque na vida das crianças, e a creche deve ser um ambiente propiciador para esse ato, mas infelizmente nos últimos anos esse segmento vem perdendo um pouco da sua essência e sendo considerado apenas como uma preparação para o ensino fundamental e, por vezes, não dá autonomia de escolha para as crianças, condicionando-as apenas para o ensino, sendo que a brincadeira deve estar intimamente ligada a essa fase da vida, não podendo estar desassociada da Educação Infantil.

A partir do momento em que nos tornamos amigas das crianças e não apenas pesquisadoras, conseguimos conhecer mais seus sentimento e anseios, ou seja construímos um olhar diferente para aquela situação e não observávamos apenas o que estava ocorrendo em sala, mas todo o exterior, toda a carga de cultura que elas traziam consigo de seus lares e meio social.

É necessário se engajar no cotidiano do grupo, agir como amiga, ajudando as crianças, revidando preconceitos e percepções a respeito daquele grupo específico. Para conhecer e compreender as culturas infantis é necessário se tornar parte do grupo e ter a capacidade de ouvir e estar, exatamente em locais onde dificilmente os pais ou professores circulam, quando as crianças estão em pares. (MACÊDO, 2014, p. 94 e 95).

Por vezes, os professores e pais exercem muita autoridade perante o filho e não conseguem olhar além do que ele vem demonstrando, acham mais necessário repreender do que escutar e conversar, gerando assim a procura das crianças por outros adultos que as compreendam como no caso



das pesquisadoras que vão a campo, elas veem uma figura amiga e não de autoritarismo, pois as mesmas não interferem na forma como a professora age com as crianças. As crianças compreendem que somos adultos, mas nos usam como uma ponte para chegar até os professores, como ocorreu incessantemente nas observações, elas falavam conosco para pedirmos as professoras algo que desejavam, como brinquedos, por exemplo.

Geralmente as crianças dormiam após o almoço, e acordavam por volta de 13 horas e passavam quase uma hora sentadas sem fazerem nada elas pediam, incansavelmente os brinquedos, pois não aguentavam mais ficarem sem fazer nada, mas sempre eram negadas, como relatado no Diário de campo:

Após o soninho todas as crianças ficam sentadas na mesa, por quase uma hora, sem a disponibilização de nenhum brinquedo. Entretanto, mesmo sem brinquedos físicos, as crianças criam objetos imaginários, bem como brincadeiras imaginárias, mas por vezes são interrompidas, pois a professora requer silêncio na sala. [...]

[...]As crianças pedem incansáveis vezes brinquedos e sempre são negados:

Tia quero a boneca... (Bruna)

E eu quero o hulk (Paulo)

Pega pra mim o carro (Tales)

Não! Vão sentar, isso não é hora de brincar, vocês vão acordar os coleguinhas que ainda estão dormindo. (Diário de campo, 04/10/2019- MA)

Como citado anteriormente, pelo fato das professoras exercerem autoridade em sala elas precisavam controlar as crianças, pois algumas ainda dormiam, mas não analisavam a questão de que as crianças estavam sem fazer nada e queriam brincar. Já no Maternal B, ocorria a mesma situação, as crianças queriam brincar e era negado, entretanto, já não fazem mais tanta questão quanto as menores. “Sempre que as crianças pediam brinquedos eram negadas, mas por já serem um pouco maiores não faziam mais tanta questão por eles.” Diário de campo (18/11/2019 - MB). Como essa turma era mais avançada, os professores sempre davam brinquedos de montar e massinha de modelar, com a finalidade de descontraí-los, mas também trabalhar a coordenação motora de todos. Entretanto, algumas crianças não ficavam satisfeitas, e queriam brinquedos, como no caso de Levi, que passou vários minutos pedindo um helicóptero de brinquedo, mas segundo a professora aquele não era o horário correto de brincar com determinados objetos.

Não deveria existir um horário correto para a brincadeira, ela deve estar inserida no currículo de forma integral e vinculada a todos os outros segmentos, o ato da professora privar a criança da brincadeira gera primeiramente uma frustração na criança, e principalmente uma imensa insatisfação e tristeza. O ato de brincar para a professora não tem tanto sentido quanto para criança, pois para muitos adultos isso não passa de um passatempo, mas na vida da criança, o brincar possibilita a apreensão e compreensão da realidade, possibilitando seu desenvolvimento. A criança aprende individualmente e entre pares, aprende a cumprir regras, desenvolve seu sistema cognitivo e motor. Portan



to, privá-la dessa cultura é como se a privassem de viver a sua infância e de compreender a realidade. Por fim, é importante reafirmar que o brincar é um direito das crianças, conforme o ECA, (Lei 8069\90). Art.17

Professores de Educação Infantil precisam conhecer os documentos que regulam a educação infantil e as normativas legais, que asseguram os direitos das crianças. É importante ressaltar, que nessa fase o desenvolvimento da criança deve ser integral, conforme o artigo 29 da LDB\96 e os direitos de aprendizagem devem possibilitar o desenvolvimento e aprendizagem através destes aspectos, abrangendo cores, formas, sabores, sons, gestos, natureza, entre outros, sempre através do brincar e das interações.

Na creche, na qual ocorreu a pesquisa a criança pedia incessantemente um helicóptero, então naquele momento poderia ocorrer a confecção de brinquedos como meios de transporte e explorar os conhecimentos das crianças sobre meios de transportes que conheciam, apresentar outros, de forma dinâmica e divertida, brincando e aprendendo, mas infelizmente o brincar ainda não é reconhecido por muitos como algo essencial e um dos eixos do currículo da educação infantil.

É fato que nos últimos anos a brincadeira ganhou lugar de destaque nas pesquisas, mas acabou perdendo espaço para as tecnologias digitais da informação e comunicação - TDICS. Os pais e professores se preocupam mais com a leitura e escrita das crianças, não estamos negando a importância do contato e compreensão da linguagem escrita nessa fase da vida, mas há diversas linguagens que devem ser vivenciadas, exploradas pelas crianças na educação infantil. As políticas curriculares atualmente vêm impondo idades\ fases para aprendizagens específicas, com determinada idade é preciso ter o domínio da leitura e da escrita, e quem não consegue desenvolver isso já entra nas estatísticas das crianças com atraso, dentre outros estereótipos. É importante respeitar a infância das crianças e explorar outras linguagens fundamentais, como o brincar, as emoções, a fantasia, a motricidade, as artes visuais e gráficas, antes de se priorizar a linguagem escrita, na perspectiva de codificar e decodificar o código escrito, sem trabalhar a linguagem como um objeto cultural, de uso social.

Com toda essa cobrança, a creche deixou de ser um lugar de aprendizagem prazeroso, para tornar-se um local de preparação para os anos seguintes, reservando mais tempo para o ensino de determinados conteúdo do que o conhecimento de novas vivencias e descobertas. Na entrevista realizada com uma das professoras, fiz a indagação de qual seria sua opinião sobre o brincar na Educação Infantil e sua resposta foi a seguinte:

É uma das coisas mais importantes, né, que as crianças é... é um direito da criança que ela tem que ter, é... principalmente na educação infantil, respeitando os espaços, porque hoje



como nós sentimos, vimos a demanda, né, da nossa clientela que aumentou, o espaço do brincar ele foi diminuído para ser construído salas de aula, né, e... hoje nós temos algumas propostas de, de, de creches, de escolas, como a creche que nós estamos hoje, que é uma creche modelo que tem espaço, que não pode ser modificado, mas algum tempo atrás as escolas eram modificadas, seus espaços eram preenchidos, os espaços do brincar eram preenchidos, é... por conta da demanda da clientela, aí a criança era que sofria, né! (Professora Luzia)

Nos discursos de todas as professoras entrevistadas observamos que reconheciam a importância do brincar para o desenvolvimento infantil, mas constatamos que parecia mais um discurso circulante do que uma apropriação teórica sobre o papel do brincar para a aprendizagem e desenvolvimento das crianças, do brincar como uma cultura da infância, do por isso um direito das crianças. Porém, reconhecem que o brincar tem pouco valor no currículo, quando descrevem que houve uma diminuição dos espaços do brincar na estrutura física da escola. Na educação Brasileira encontramos muito um distanciamento entre o discurso e a prática, muito se fala e pouco se faz, portanto, torna-se necessário a maior efetivação desse discurso na prática, no cotidiano da Educação Infantil.

Outro episódio observado foi quando as professoras estavam ensinando as crianças a ligarem os pontos, e o assunto eram os meios de comunicação. “Precisamos passar mais atividades desse tipo, porque vão chegar na escola sem saber ligar os pontos. [...] Precisamos focar mais no ensino deles, eles precisam sair daqui sabendo de mais coisas.” Em outro momento, presenciamos o ensino dos números:

- Qual número é esse aqui? (Professora Beca)
- Evellin, venha aqui me dizer qual é o número 8. (Professora Luzia)
- É esse daqui? (Evellin)
- Não, esse daí é um 5. (Professora Luzia)
- Meu Deus, essa menina é muito atrasada, toda vez erra os números. (Professora Beca)
- Tem algumas crianças que precisam de um reforço. (Professora Luzia) (Diário de Campo, 28/11/2019- MB)

O currículo das instituições de Educação Infantil não pode estar distante de dois pontos cruciais, sendo eles, as interações e as brincadeiras, ou seja, as crianças podem e devem aprender sobre os mais variados assuntos, como cores, ritmos, números, formas, músicas, entre tantos outros, mas o que não pode faltar nesses momentos é a interação das crianças entre si, e isso se dá principalmente a partir das brincadeiras. De acordo com o artigo 9º das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil “As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e as brincadeiras e garantir experiências...” (BRASIL, 2009, p. 25). As experiências citadas são as mais variadas possíveis, desde gestos, até gêneros textuais, mas o que deve ser destacado nesse artigo é o papel que a brincadeira ocupa, ou seja, um lugar central nas propostas pedagógicas, no currículo e planejamento das experiências educativas. Nas diretrizes, mencionadas anteriormente podemos observar a presença da palavra “devem”, ou seja, as instituições de educação infantil têm como obrigação a garantia de interações e brincadeiras na hora do ensino para a garantia de diversas experiências.



Educar e cuidar na educação infantil deve estar presente nessa fase da infância, entretanto, os professores, de uma forma geral, precisam garantir as interações e as brincadeiras. A prática pedagógica na E.I deve observar as experiências articuladas com as interações das crianças entre si e com os professores, familiares e a comunidade e com o mundo físico e vivência de brincadeiras sem, necessariamente finalidade pedagógica imediata, mas como cultura e linguagem fundamental das crianças, portanto a brincadeira deve estar presente tanto nas atividades dirigidas quanto nas atividades sem mediação das professoras.

Tanto na turma maternal A quanto na B, os professores enfatizam muito a questão do ensino, na primeira turma existe o enfoque mais para o reconhecimento dos próprios nomes, reconhecimento das cores, já no B os professores levam tarefas mais detalhadas, como a ligação de pontos de uma figura para outra, o reconhecimento dos números, entre outros assuntos. Segundo Macêdo:

É perceptível o foco do currículo da instituição, em especial, da turma B, no que se refere à preparação das crianças para irem para o primeiro ano alfabetizadas. Observamos, reiteradamente, o esforço e a competência pedagógica da professora no uso do método em busca de atingir seu objetivo e de capacitar as crianças para se adaptarem à realidade do primeiro ano. (MACÊDO, 2014, p. 116)

Portanto, observamos que essa situação não ocorre como fato isolado, mas em diversos cotidianos, onde o ensino passou a ganhar lugar de destaque nas instituições de educação infantil, secundarizando-se o cuidar\educar, ou seja, a inserção das crianças na cultura, através de interações e brincadeiras. O brincar pode ser um grande aliado para o processo de aprendizagem, por meio da brincadeira a criança consegue aprender sobre tudo que está ao seu redor, a cultura a qual está inserida, a religião pertencente e a dos outros, gêneros textuais, natureza, entre tantos outros contextos. Existe, portanto a necessidade de mais formações acerca das produções científicas e das próprias normas legais, a exemplo do ECA, das DCNEIs (Brasil, 2009), pois ainda nos deparamos com professores que atuam na educação infantil com um conhecimento superficial sobre a criança, sobre o cuidar\educar, sobre o desenvolvimento infantil e das culturas da infância, dentre outras produções científicas importantes, que aliadas aos saberes dos professores e das crianças possibilitam uma educação infantil inclusiva e de qualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em face dos dados analisados, nossa conclusão é de que o brincar ainda não se constitui como um direito no cotidiano da creche, este ainda não é visto como uma necessidade e direito das crianças. Ademais, os profissionais não compreendem seu real sentido, como um direito humano e eixo do currículo na educação infantil. Está presente o discurso de sua importância, mas sua inser



ção na prática curricular e pedagógica é quase nula. Porém, a despeito do pouco valor dado ao brincar no currículo das turmas observadas, foi possível constatar que o brincar, mesmo de forma fortuita, pontual, faz parte do cotidiano das crianças, as quais subvertem a ordem instituída, as normas, o controle e, como atores sociais, que agem no mundo, mesmo a contrapelo, significam e ressignificam o mundo, através do brincar, mesmo que essa atividade seja censurada em alguns momentos na instituição.

. Quanto aos elementos disponíveis para o brincar, constatamos que o pouco torna-se muito: uma garrafa passa a ter diversos significados, portanto, independente do objeto, a criança cria um universo de possibilidade, usa sua imaginação, cria e recria o que está a seu alcance, vale ressaltar que ainda faltam muitos materiais adequados para a realização do brincar, pois, o espaço que oferta Educação Infantil deve estar, devidamente equipado com materiais essenciais para que o brincar ocorra de forma saudável e prazerosa.

Finalmente, o brincar ainda não se constitui como eixo do currículo na Educação Infantil. Os profissionais andam não reconhecem o seu valor pra o processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, embora demonstram conhecer sua importância através de seus discursos, enquanto na prática as crianças são privadas diariamente do seu direito de brincar. Ser professor traz consigo uma imensa responsabilidade, pois no decorrer de toda sua trajetória profissional faz-se necessário a busca por novos conhecimentos, por isso observamos a necessidade da maior viabilização de cursos de formação para esses profissionais que cuidam e educam as crianças.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Editora 34, 2002.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2020.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** /Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010a. Disponível em:<http://www.uac.ufscar.br/domumentos-1/diretrizescurriculares_2012.pdf> Acesso em: 25 jul. 2020.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394/96. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso 10 Jul 2010.

_____. **Resolução nº 5 de 17 de dezembro de 2009**. Brasília: MEC/CNE/ CEB, 2009.

_____. **Lei no 8.069**, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da União, 16 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm> Acesso em: 08 de junho de 2020.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília: MEC, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>> Acesso em: 25 jul. 2020.



BORBA, A. M. **Cultura da infância nos espaços-tempos do brincar**: Um estudo com crianças de 4 a 6 anos em instituição pública de Educação Infantil. 2005. 298 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal, Niterói-RJ, 2005.

CERVO Amado Luiz; BERVIAN Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002

CONVENÇÃO **Internacional Sobre os Direitos da Criança**. Genebra: ONU, 1989. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>> Acessado em 17/05/2019.

GALLIANO, Alfredo Guilherme. **O método científico**: teoria e prática. São Paulo: Harbra, 1986.

KISHIMOTO, Tizuko M (org) **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**; 14 ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

MACÊDO, Lenilda Cordeiro de; DIAS, Adelaide Alves. A pesquisa socioantropológica com crianças em espaços educativos. In: LIMA JUNIOR, Anaud Soares; ANDRADE; Dídima Maria de Mello. **Educação e contemporaneidade**: contextos e singularidades. 1 ed. Curitiba: Editora CRV, 2015, p. 207- 220.

MACEDO, Lenilda Cordeiro de. **A infância resiste à pré-escola?** Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal da Paraíba, 2014, 237 f.

UNICEF. Declaração Universal dos Direitos da Criança - 1959. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/sip/onu/c_a/lex41.htm> Acessado em: 25 out. 2020.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.. trad. José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 7 ed. São Paulo, Martins Fontes, 2007.